

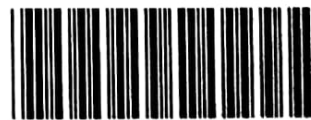
Eduardo França Paiva
Carla Maria Junho Anastasia
(organizadores)

O TRABALHO MESTIÇO:

MANEIRAS DE PENSAR E
FORMAS DE VIVER — SÉCULOS XVI A XIX

EXP 15/11/02

SBD-FFLCH-USP



229098


ANNA BLUME

PÓS GRADUAÇÃO
 históriaufmg

331.098
T758

NS: 127 102 11

**Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**

T758

O trabalho mestiço : maneiras de pensar e formas de viver –
séculos XVI a XIX / [organização de] Eduardo França Paiva, Carla
Maria Junho Anastasia – São Paulo: Annablume: PPGH/UFGM, 2002.
530 p.; 14 x 21cm.

ISBN 85-7419-277-5

1. Trabalho (América Latina) 2. Trabalho (Brasil) 3. Trabalhador
4. Grupos Étnicos 5. Gilberto Freyre 6. Sérgio Buarque de Holanda
I. Título II. Paiva, Eduardo França III. Anastasia, Carla Maria Junho

CDD 331

**O TRABALHO MESTIÇO:
MANEIRAS DE PENSAR E FORMAS DE VIVER – SÉCULOS XVI A XIX**

Coordenação editorial
Joaquim Antonio Pereira
Diagramação eletrônica
Regina Coelho Weller
Capa
Ray e Joca

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Peñuela Cañizal
Norval Baitello Junior
Maria Odila Leite da Silva Dias
Gilberto Mendonça Teles
Maria de Lourdes Sekeff
Cecília de Almeida Salles
Pedro Jacobi
Gilberto Pinheiro Passos
Eduardo Alcântara de Vasconcellos

**CONSELHO EDITORIAL
COLEÇÃO OLHARES**

Eduardo França Paiva (Presidente)
Adriana Romeiro
João Pinto Furtado
Maria Eliza Linhares Borges

1ª edição: julho de 2002

© Eduardo França Paiva e Carla Maria Junho Anastasia

ANNABLUME editora . comunicação
Rua Padre Carvalho, 275. Pinheiros
05427-100 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812.6764 – Televidas 3031-9727
<http://www.annablume.com.br>

SUMÁRIO

9 **INTRODUÇÃO**

11 **PARTE 1 – RELEITURAS DE GILBERTO FREYRE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: UM VIÉS MESTIÇO**

- 13 Um diário, a carne e a pedra em Gilberto Freyre – *Mary Del Priore*
Sérgio Buarque de Holanda viajante: o lugar da cultura em *Caminhos e*
27 *Fronteiras* – *Eliana Regina de Freitas Dutra*

PARTE 2 – A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO

- Discursos sobre as formas e as relações de trabalho no contexto de uma sociedade miscigenada**
39 Flamengos, holandeses e a sua aprendizagem na escravidão, séculos XVI
41 e XVII – *Eddy Stols*
Representações da mestiçagem no Caribe hispânico insular: uma
63 aproximação comparativa – *Kátia Gerab Baggio*
La navegación hispana en el Atlántico: aspectos laborales y técnicos (siglos
79 XVI-XVII) – *Louise Bénat Tachot*
A hermenêutica cartográfica em uma sociedade miscigenada – *Maria Eliza*
105 *Linhares Borges*
Los límites de la sociedad mestiza. Artesanos franceses en España en el
123 siglo XVI – *Werner Thomas*

PARTE 3 – MINAS, MINERAÇÃO E TÉCNICAS

- Produção mineradora no contexto de uma sociedade miscigenada: escravos, libertos, livres, técnicos, artesãos, capatazes, negociantes**
139 Innovaciones técnicas, mestizajes y formas de trabajo en Potosí de los
141 siglos XVI y XVII – *Carmen Salazar-Soler*
Inventos, tratados y cambio tecnológico en la minería novohispana del
165 siglo XVIII – *Eduardo Flores Clair*
Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo
187 Mundo – *Eduardo França Paiva*

- Mestizaje de técnicas prácticas y conocimientos en los inuit del Gran Norte de Canadá y de Groenlandia (siglos XVI-XIX) – *Giulia Bogliolo Bruna*
- 209
- “Senõr de sus cédulas”. Los indios capitanes de las mitas de Huancavelica y Potosí, siglo XVIII – *Scarlett O’Phelan Godoy*
- 229

PARTE 4 – CERIMÔNIAS E FESTAS

- A produção da festa, artesãos, músicos, pintores: letrados no contexto de uma sociedade miscigenada**
- 245
- Vida cotidiana e produção artística de pintores leigos nas Minas Gerais. José Gervásio de Souza Lobo, Manoel Ribeiro Rosa e Manoel da Costa Ataíde – *Adalgisa Arantes Campos*
- 247
- “Mestizaje salvaje”, trabajo y resistencia en la frontera hispano Mapuche – *Guillaume Boccaro*
- 265
- Saberes e valores culturais entre estamentos e classes: letras e práticas “mestiças” do setecentos mineiro – *João Pinto Furtado*
- 281
- Las fiestas de la canonización de San Juan de la Cruz en la Ciudad de México – *Manuel Ramos Medina*
- 297
- Mediação, pureza de sangue e oficiais mecânicos. As Câmaras, as festas e a representação do Império Português – *Maria Fernanda Baptista Bicalho*
- 307
- Os índios construtores de catedrais. Mestiçagens, trabalho e produção na Cidade do México, 1550-1600 – *Serge Gruzinski*
- 323
- Festas cívicas e universo cultural: Minas Gerais no século XIX – *Thais Nivia de Lima e Fonseca*
- 341
- Las fiestas en honor de Felipe de Jesús, santo novohispano – *Verónica Zárate Toscano*
- 357

PARTE 5 – RUAS E CAMINHOS

- Produção e circulação nos espaços públicos no contexto de uma sociedade miscigenada: vendeiros, artesãos, negociantes, arrieiros, ladrões, bandidos, prostitutas, cafetões, mendigos, esmolares, ciganos**
- 377
- Saci-pererê: uma alegoria mestiça do sertão – *Carla Maria Junbo Anastasia*
- 379
- Las representaciones del trabajo en el mundo hispanoamericano: de la infamia a la honra – *Carmen Bernand*
- 393
- O trabalho dos Guarani nas reduções do Paraguai colonial – *Eduardo Neumann*
- 413
- Subalternidade tropical? O trabalho do índio remador nos caminhos fluviais amazônicos – *Neil Safier*
- 427
- Entre trato y contratación: los comerciantes *vagabundos* en el México del siglo XVI – *Raffaele Moro*
- 445

Notas sobre a mão-de-obra na Índia pré-colonial (séculos XVI a XVIII)
463 — *Sanjay Subrahmanyam*

PARTE 6 – CASA

481 **Relações de trabalho e relações familiares no âmbito doméstico:
pais e crianças, escravos, artesãos, amas, agregados no contexto de
uma sociedade miscigenada**

As aventuras de um viajante no Império Português: trocas culturais e
483 tolerância religiosa no século XVIII – *Adriana Romeiro*

Entre becos e vielas: o arraial do Tejuco e a sociedade diamantífera
497 setecentista – *Júnia Ferreira Furtado*

Familia y trabajo en la Nueva España: las ambigüedades del terra –
513 *Solange Alberro*

527 OS AUTORES

OS ÍNDIOS CONSTRUTORES DE CATEDRAIS. MESTIÇAGENS, TRABALHO E PRODUÇÃO NA CIDADE DO MÉXICO, 1550-1600

Serge Gruzinski

Hoje, no mundo inteiro as sociedades mais diversas produzem os mesmos produtos uniformizados. Em Paris, nas oficinas clandestinas do bairro do Sentier, nas fábricas socialistas, capitalistas ou social-capitalistas da Ásia, trabalhadores não-ocidentais estão submetidos a condições de trabalho e a objetivos que mesclam as exigências mais sofisticadas do capitalismo neoliberal com as formas de exploração muitas vezes as mais tradicionais e arcaicas. Mão-de-obra de todas as origens e organizações híbridas de trabalho coexistem com a produção de mercadorias altamente normalizadas que são distribuídas por toda a Terra. Os aparelhos de televisão, os videocassetes, os tênis *Nike* são alguns exemplos populares desta produção. Mas os produtos mais sofisticados do *prêt à porter* fabricam-se também sob as mesmas condições.

O contraste entre as condições de produção e a natureza dos produtos acabados não é um fenômeno recente. Desde o século XVI a colonização ibérica estabeleceu sistemas de produção destinados a fabricar mercadorias de tipo europeu com a mão-de-obra local. Esta situação, na verdade banal e pouco surpreendente, aparece sob uma luz distinta se a consideramos do ponto de vista da mestiçagem. Com efeito, não só esta situação nos incita a refletir sobre as relações entre mestiçagem e colonização, mas também sobre os nexos que podem existir entre mescla das culturas e a uniformização dos consumos. Esta reflexão nos obriga a cruzar várias abordagens, utilizando, por um lado, a História Econômica e Social para estudar a evolução das formas de trabalho e de produção; e por outro lado, a Antropologia para explorar tanto as origens étnicas dos trabalhadores quanto os mecanismos de mescla que operaram na própria esfera do trabalho.

Como nos encontros anteriores, analisaremos o caso mexicano no século XVI, ou seja durante os primeiros cem anos depois da Conquista. Cabe lembrar o contexto caótico e dramático dos inícios da colonização. Durante a primeira década os indígenas do Vale do México tiveram que reconstruir o *altepetl*, a cidade dos Mexicas, no tempo em que edificavam a nova cidade colonial.¹ Sob a pressão dos conquistadores começaram a aprender as técnicas européias nas condições

mais caóticas, brutais e destruidoras. Neste contexto e neste sentido, tomando em conta a “gigantesca oleada urbanizadora [...] la ciudad colonial creó a los trabajadores novohispano”.²

OS PRIMEIROS *PASSEURS*: A EMPRESA FRANCISCANA

Os franciscanos tiveram neste campo um papel de primeira importância. Foram os primeiros *passeurs* já que de maneira deliberada e programada integraram os índios no sistema de produção ocidental. Como procederam para “aculturar” esta mão-de-obra? Qual a margem de controle que conservaram sobre as diferentes etapas da produção e que grau de autonomia conquistaram os trabalhadores indígenas? Não é por acaso que as fontes franciscanas nos comentam de maneira detalhada o processo de aculturação técnica que transformou o trabalhador indígena na Cidade do México depois da Conquista. Se os religiosos gostaram tanto de sublinhar a “habilidad” dos Índios nos “ofícios mecânicos”, se eram conscientes do valor das tradições artesanais dos índios e da qualidade do seu *savoir-faire*,³ é porque eles exerceram um papel fundamental nesse campo. Os franciscanos participaram pessoalmente na transmissão das técnicas européias assim como ao melhoramento das que já conheciam os trabalhadores indígenas: neste caso as crônicas utilizam o termo “perfeccionarse”.⁴

Assim a aprendizagem das técnicas européias pelos índios aconteceu de maneira inesperada já que teve lugar sob a direção de especialistas que eram eclesiásticos e contra os mesmos depositários dos saberes europeus, os artesãos espanhóis.

Foi no seio das oficinas da Capela de San José de los Naturales, edificada no Convento Grande de San Francisco do México, que os religiosos mostraram uma série de ofícios aos índios que acabavam de se converter. Como lembra o franciscano Juan de Torquemada, esta capela foi “el primero y único seminario que hubo en la Nueva España para todo género de oficios y ejercicios, no sólo de los que pertenecen a la Iglesia mas también de los que sirven para el uso de las personas seglares”. Um frade leigo, Pedro de Gante, tomou a iniciativa de ensinar as técnicas aos índios da cidade. Era portador duma tradição dos Países Baixos que desde o século XV associava trabalho manual e formação espiritual. Por isso foi considerado como o “primero y principal maestro e industrioso adestrador de los indios”.⁵ Duas preocupações guiaram os esforços do religioso flamengo: ensinar os “oficios y artes de los españoles” que os índios não conheciam e melhorar – *perfeccionar* – os que já existiam.

O papel dos religiosos foi tanto mais importante e decisivo quanto opunha-se à atitude dos artesãos espanhóis, que acabavam de estabelecer-se na cidade com as suas corporações. Estes, por todos os meios possíveis, queriam proteger

os “secretos del oficio” para se assegurar o monopólio da produção dos objetos europeus. Negavam-se a que os seus ofícios andassem “por las calles en manos de indios”, para usar uma expressão do cronista franciscano Toribio Benavente de Motolinía.⁶ Assim para que os índios triunfassem sobre a resistência dos artesãos europeus, não bastou o ensino dos religiosos. Não podemos esquecer a curiosidade e o espírito de iniciativa dos próprios índios, qualidades que foram os motores determinantes do processo. Os índios não se limitaram em aprender os novos ofícios com a ajuda dos franciscanos, eles roubaram os segredos dos Europeus. De uma aprendizagem clássica – *deprender/ ser enseñado* – passaram a uma atitude mais ofensiva que nas fontes traduz o verbo *hurtar*. Aos espanhóis que praticavam o segredo os índios responderam praticando a espionagem e subtilizando tudo o que podia servir-lhes para assimilar as novas técnicas. Os indígenas observaram cuidadosamente os artesãos europeus que conheciam a arte de “batir el oro” ou de fabricar *guadameciles*. Assim aprenderam a trabalhar o couro (*curtir corambre*) e a fazer “todo lo que se labra de cuero [...]: zapatos, servillas, borceguíes, alcorques, chapines y todo lo demás que hacen los zapateros, chapineros etc...”⁷

A rapidez da aprendizagem feita a partir da simples observação *à la sauvette* pode surpreender. A expressão dos frades, “llevaron los oficios en el entendimiento”,⁸ traduz admiravelmente este processo de captura intelectual. Os franciscanos contribuíram transformando-se em provedores de informações para os índios que recolhiam amostras dos materiais que deixava o artesão espanhol na porta da sua oficina. Tampouco os religiosos ficavam passivos. Eles indicavam onde os índios os podiam conseguir já que estes últimos não deixavam de perguntar: “¿Adónde venden esto? que si nosotros lo habemos, por mas que el español se esconda nosotros haremos guadameciles”.⁹ Não apenas os índios apropriaram-se das técnicas européias mas as dominaram tão bem e tão rapidamente que tornaram-se competitivos conseguindo vender menos caro do que os *maestros* europeus: “luego abajan los precios, los cuales los oficiales de Castilla acá en esta Nueva España han puesto muy caros”.¹⁰ Sempre com o apoio discreto ou a colaboração eficaz dos franciscanos.

ARTESÃOS INDÍGENAS E MESTRES ESPANHÓIS

Assim, a partir dos anos 1540, ou seja apenas vinte anos depois da Conquista, os ofícios europeus penetraram no setor indígena. Multiplicaram-se “indios herreros, cerrajeros, freneros, cuchilleros: que todos estos oficios saben los indios para sí”.¹¹ O primeiro ofício que os índios dominaram foi o de alfaiate, “como por no ser muy dificultoso”.¹² Os índios fabricavam cadeiras e toda espécie de instrumentos de música: “han hecho chirimías y han fundido

sacabuches buenos". A substituição das ferramentas tradicionais por ferramentas européias de ferro realizou-se nesta época: antes da Conquista, os índios "tenían escoplos y en lugar de barrenos o taladros usaban de unos punzones cuadrados; y estas herramientas todas las fundían de cobre, mezclándole algún estaño [...] Después que vinieron los carpinteros de España y trujeron herramientas, también los indios labran y hacen todo cuanto los españoles".¹³

O uso das novas técnicas podia modificar a antiga repartição das tarefas: se antes da Conquista a tecelagem constituía uma ocupação estritamente reservada às mulheres, com a importação dos teares de origem européia,¹⁴ tornou-se também uma atividade masculina. Essa inversão dos sexos manifesta-se também no campo da alimentação. Enquanto as mulheres indígenas continuam preparando o cereal local, o milho, de maneira tradicional, os homens aprendem a transformar a farinha de trigo no pão, alimento tão procurado pelos espanhóis. Porém o tear europeu não substituiu o tear autóctone e tampouco o pão substituiu a *tortilla*. Contudo a produção adquiriu características híbridas já que daí em diante a antiga maneira coexistiu com a nova. Todavia, a coexistência tinha as suas regras: os espaços e os sexos não eram os mesmos. A *tortilla* e o tear de "cintura" continuavam ocupando a mulher indígena no interior do lar doméstico, enquanto a tecelagem européia e a padaria empregavam o trabalhador índio fora da casa nas oficinas espanholas. De fato, a situação aparece extremamente variada. Se havia ofícios – o alfaiate – que só ampliavam a gama das suas produções, outros – como a arte dos plumeiros – conservavam os seus materiais e as suas técnicas ancestrais quase sem modificá-las. Com respeito à manufatura do algodão, ela combinou as técnicas européias com as indígenas: "En este tránsito el hilado y el tejido del algodón dejó de ser una actividad indígena, casera, rural y femenina, para convertirse en un arte urbano, gremial, comercial y masculino".¹⁵

A introdução dos "telares de Castilla" entre os índios data dos anos 1540: "téjense muchas maneras de paños hasta resimos". Mas a operação serviu para os estrangeiros recém-chegados: "de esto los maestros son españoles". Com efeito, os *passeurs* franciscanos não tardaram em perder o controle do processo que eles tanto haviam contribuído em iniciar. Esta parte da cristandade formada de trabalhadores dóceis lhes escapava. Contudo o setor indígena não foi capaz de conseguir uma autonomia própria no campo dos novos ofícios. Mesmo se "en todo entienden y ayudan los indios", qualquer fosse a habilidade dos indígenas – "luego ponen la mano en cualquier oficio, y en pocos días salen maestros"¹⁶ –, os espanhóis retomaram rapidamente o domínio do processo. A imagem do *maestro* que no início tinha sido burlado e enganado pelos índios sucede aquela, mais clássica, do proprietário explorador que dirige uma "hacienda gruesa". Os europeus controlavam os grêmios aos quais os índios não tinham acesso.¹⁷

Deste modo, o ensino dos franciscanos teve resultados bastante paradoxais. Mesmo se os religiosos queriam manter a seu domínio sobre a povoação indígena

através do seu controle espiritual, moral e obviamente material, os conhecimentos que difundiram abriram à mão-de-obra indígena as portas da “república dos espanhóis”. A “conquista dos ofícios” realizou-se em benefício dos *maestros* espanhóis. O êxito da aprendizagem indígena foi tal que muitas vezes os donos europeus deixaram os índios trabalhar no seu lugar, com as suas novas ferramentas:

Ellos (= os pedreiros) son los que lo labran todo y por sus manos pasan las obras que los españoles hacen, que por maravilla hay alguno de ellos que ponga mano en esto por mas oficial que sea [...] los indios son los que las (= las buenas y curiosas obras en todo género de oficios y artes ...en esta tierra de Indias) ejercitan y labran porque los españoles, maestros de los tales oficios, como hemos dicho, por maravilla hacen más que dar la obra a los indios y decirles cómo quieren que la hagan, y ellos la hacen tan perfecta que no se pueden mejorar.¹⁸

MESTIÇAGENS DA LÍNGUA E PASSEURS LINGÜÍSTICOS

Apesar das descrições que nos deixaram os cronistas franciscanos, não é fácil penetrar nas oficinas indígenas ou espanholas da cidade mexicana. Porém, as transformações da língua nahuatl que falava-se na Cidade do México e no centro da Nova Espanha podem proporcionar alguns indícios já que o mundo colonial do trabalho parece ter sido um laboratório lingüístico em constante atividade. Nas décadas que se seguiram à Conquista espanhola um vocabulário novo desenvolveu-se nas oficinas.¹⁹ Na base de aproximações mais ou menos sólidas termos indígenas serviram para designar materiais novos. Foi o caso de *tepoztlī*, “cobre”, escolhido para nomear o ferro, e logo o metal em geral e toda espécie de ferramenta. Sabemos que as sociedades ameríndias da Meso-América não conheciam nem o ferro nem o aço. Também foram inventados neologismos para designar objetos de origem européia: *tlatlapaloni*, “ferramenta para abrir” ou seja chave; *tlatemmelahualoni*, “ferramenta para pôr direito o lado duma coisa”, para nível de carpinteiro; *ehuatlepitxaloni*, “instrumento de pele para soprar sobre o fogo”, para o fole; *tlequiquiztli*, “trompete de fogo” para arma de fogo etc.²⁰ Outros termos foram diretamente tirados do castelhano. A proliferação dos termos derivados do vocábulo *tepoztlī* (= o ferro ou o metal) nos introduz na forja colonial,²¹ com os seus forjadores (*teptxpitxqui*), com suas ferramentas (*tepoztlatzotzonaloni*) e os seus cravos (*tepozhuiztli*), e também na oficina do impressor (*tepoztlacuilo*), ou ainda na oficina do carpinteiro que já sabe utilizar o machado europeu (*tepozquauh-xexeloni*) e o cinzel (*tepoztlacuicuihuani*).²² Deslocamentos de sentidos e neologismos provocaram séries de criações

caraterísticas dos anos 1530 e 1540. Expressavam as primeiras reações lingüísticas dos trabalhadores e dos domésticos cada dia confrontados à novidade, porém ainda capazes de absorvê-la na língua indígena. Esta foi a época do descobrimento entusiasta das técnicas européias, do ensino franciscano e da espionagem artesanal.

Na segunda parte do século XVI, enquanto os *maestros* espanhóis exploravam a mão-de-obra indígena, os observadores repararam uma mudança da língua indígena: o autor de um *vocabulario* castelhano-mexicano e mexicano-castelhano, Alonso de Molina, oferece interessantes observações.²³ Invenções dos inícios foram substituídas por termos castelhanos que acabaram por se impor.²⁴ Durante toda a segunda metade do século XVI os empréstimos ao castelhano multiplicaram-se. Objetos e ferramentas novos tornaram-se tão familiares que os índios já não sentiam a necessidade de indicar a sua origem castelhana, por exemplo usando o epíteto *caxtillan*.²⁵ Com ou sem o termo *caxtillan*, daqui em diante era normal que o *amate* designasse o papel europeu em vez da fibra do *agave* com a qual eram feitos os antigos *códices* pictográficos. Muitos vocábulos castelhanos invadiram a língua dos artesãos e do quotidiano: *hacha* (machado), *cuchillo* (faca), *escoplo* ("ciseau" em francês), *camisa*, *zaragüelles* (calças), *silla* (sela), *chirimía* (especie de flauta?). Os nomes espanhóis da roupa difundiram-se à medida que os índios da cidade vestiram-se à moda européia ou combinaram peças tradicionais (o *tilmatli* dos homens, o *huipil* das mulheres) com empréstimos ibéricos.²⁶ Ao mesmo tempo os índios familiarizaram-se com o vocabulário do calendário cristão e com as medidas de capacidade da península ibérica (*tomín*, *medio*...).²⁷ "The practitioners of each trade knew its special Spanish vocabulary for tools, materials, and techniques".²⁸ Esse conjunto de dados nos dá uma idéia da paisagem lingüística e materialmente mestiçada no qual efetua-se o trabalho colonial do primeiro século da colonização.

Como se pode observar nos documentos escritos em língua nahua, esta aculturação lingüística conduziu os índios de maneira progressiva e às apalpadelas em direção a uma maior familiaridade com o castelhano. Contudo tal hispanização do nahuatl nunca ficou uma experiência passiva. Ela foi acompanhada de muitas apropriações e desvios: assim, por exemplo, o termo *tomín*, primeiro utilizado para designar uma moeda acabou designando o dinheiro em geral. Ao contrario, o castelhano *dinero* nunca conseguiu penetrar na língua indígena.²⁹

Sem querermos fazer da língua o espelho duma sociedade, temos que reparar as evoluções que aquela deixa transparecer. A rapidez que manifesta-se constantemente nesse campo nos lembra a maneira como os artesãos indígenas apropriaram-se das técnicas vindas da Europa do Renascimento. A evolução da língua na segunda metade do século XVI acompanha um acesso siempre crescente a um mundo do trabalho dominado pelos Europeus. Vale a pena determinar se a aculturação lingüística favoreceu este acesso ou se foi este acesso que influuiu sobre as maneiras de falar e de escrever?³⁰ Sem dúvida a pergunta não tem muito sentido. Mas podemos avançar algumas hipóteses, distinguindo os meios sociais

e as gerações. Por exemplo, parece que um trabalhador índio, sem nenhuma experiência pré-hispânica, podia assimilar mais rapidamente a terminologia ibérica. O mesmo para um doméstico indígena servindo numa casa espanhola onde o castelhano era a língua usual: muito provavelmente a imersão era mais forte do que a do operário contratado nas grandes obras da cidade e trabalhando ao ar livre.

Falta ainda identificar os que forjaram esta nova língua e serviram de *passeurs* lingüísticos. Os monges foram intermediários indispensáveis e tradutores competentes. Os índios hispanizados, como os *informantes* do franciscano Bernardino de Sahagún ou o cronista Domingo Chimalpahin conheciam bastante os dois universos para poderem desempenhar este papel.³¹ Assim era com os espanhóis que falavam o náhuatl. A estas categorias, todas pertencentes às elites da sociedade colonial, acrescentam-se os mestiços que a sua dupla origem punha naturalmente em posição de jogar os intermediários lingüísticos entre os indígenas e os europeus. Porém não devemos esquecer os próprios artesãos indígenas que cada dia estavam confrontados às necessidades concretas do seu ofício e da comunicação com os espanhóis. Embora o resultado da sua bricolagem pudesse não ter tanto êxito e difusão como o das elites, deixando portanto menos vestígios escritos, não podemos ignorar a sua intervenção. O que quer dizer que a mestiçagem lingüística, concebida como processo de criação e não apenas de adoção, mobilizava a maior parte dos artesãos indígenas.

MESTIÇAGENS E LUGARES DE TRABALHO NA CIDADE DO MÉXICO

A aculturação técnica e lingüística varia segundo os lugares de trabalho. Assim como as relações que os artesãos podiam manter com os espanhóis, quer tratesse do proprietário de uma oficina, de um religioso, de um funcionário da coroa espanhola, do dono da casa ou de um cliente a quem o índio procurava propor a sua mercadoria. A adoção das práticas foi relativamente espontânea quando teve lugar nos mercados indígenas onde coexistiam usos antigos e práticas hispânicas, mercadorias tradicionais e objetos de origem européia como as camisas, as golas, as candeias, as guitarras, o sabão, o pão de trigo e muitos outros bens oferecidos aos compradores.³² Como muito cedo os europeus acostumaram-se a abastecer-se nos *tianguiz* e que vendedores mestiços, mulatos e mesmo espanhóis não hesitavam em estabelecer-se ali, intercâmbios de toda ordem efetuavam-se nos mercados indígenas. Diversidade dos interlocutores e papel dos sexos: as índias estavam longe de ser ausentes deste espaço já que foram elas que em 1592 se opuseram à reforma dos mercados da Cidade do México.³³

A aculturação pode tomar formas mais constringentes no caso do *repartimiento*, um sistema que organizava a repartição por turno dos trabalhadores

nas obras da capital, nos conventos e nas casas dos representantes do clero e da coroa. As estâncias nas oficinas dos artesãos espanhóis, entre a domesticidade dos poderosos, a participação nas obras de construção e mantimento da cidade punham constantemente o índio do povo, ou seja o *macehual*, em contato com as técnicas, os ritmos de trabalho, as hábitos e as exigências de qualidade do setor hispânico.

O trabalho no seio dos *obrajes* constituiu uma variante singularmente mais brutal destes processos de aculturação.³⁴ Provocava uma ruptura com a família e a comunidade a diferença do *repartimiento* que efetuava-se no quadro do grupo de pertença. *Obrajes de paños, casas de sombrereros y panaderos* formavam verdadeiras prisões onde os índios viviam nas condições lamentáveis.³⁵ Estes trabalhadores indígenas eram uma mão-de-obra cativa, fixada no lugar, cuja condição aproximava-se a da escravidão.³⁶ Os donos, obviamente, davam outra imagem desta servidão: longe de limitarem a liberdade de circulação dos índios, pretendiam que os *obrajes* davam uma fonte providencial de recursos a indígenas pobres e desprovidos, que permaneciam, sempre segundo eles, "personas libres y que espontáneamente acuden a que los tengamos en nuestras casas".³⁷ As repetidas denúncias que recebia a coroa de Castela demostram que acontecia todo o contrário. A imagem ilusória de um trabalhador supostamente livre dos seus movimentos e dono da sua força de trabalho, mal esconde a realidade de um índio desarraigado, privado de qualquer ligação e ajuda comunitária. Como a promiscuidade do *obraje* obrigava os índios a coexistirem com mestiços, escravos (e livres) mulatos e negros, mulheres solteiras ou casadas e condenados brancos, este espaço tornou-se um dos crisóis, provavelmente o mais abjeto, da mestiçagem no seio da sociedade colonial no fim do século XVI e no século XVII.

Assim as mestiçagens não desenvolvem-se da mesma maneira segundo os lugares. Se a rua oferece um espaço pouco controlado, o mercado deixa também bastante liberdade enquanto na obra espanhola o trabalhador fica sob os olhares do capataz europeu (ou negro), para não falarmos da oficina vigiada do *maestro* ou do ambiente carcerário do *obraje*.

OS NOVOS CONSTRUTORES DE CATEDRAIS (1585)

Que coisa mais européia e medieval para um francês, um inglês ou um português que uma catedral? Os historiadores estudaram muito estas obras que mobilizaram os trabalhadores europeus durante décadas nas cidades de Idade Média. A “conquista espiritual” da América espanhola traduziu-se também em campanhas de ereção de catedrais em todos os lugares nos quais bispos e arcebispos tinham recebido a direção da jovem Igreja americana.³⁸ A Cidade do México teve a sua primeira igreja episcopal (1524-1532), de dimensões mediocres, pouco tempo depois a Conquista. Na segunda metade do século XVI, a partir de 1573,³⁹ começou-se a ser edificada uma catedral digna deste nome e da importância de *cabeça* da Nova Espanha. A povoação indígena, mestiça e africana, dirigida por arquitetos, pintores, escultores de origem européia, aprendeu a construir tão gigantesco edifício.

A edificação da catedral nos interessa na medida em que explora as formas mais diversas de trabalho indígena, canalizando estas forças para a realização duma tarefa tipicamente européia. Em 1585, as contas das obras da catedral da Cidade do México permitem ter uma idéia bastante precisa da maneira como avançava a construção.⁴⁰ Detalham as tarefas dos artesãos que participam nas obras, os salários que recebem, os dias que passam na obra. Dão o nome de muitos artesãos indígenas quando são trabalhadores qualificados e, às vezes, quando são simples *peones* ou escravos.

Encabeçam a obra arquitetos e artistas de origem européia: os escultores Pedro de Brizuela e Juan Montañó, o *ensamblador* Adrián Suster, os pintores Nicolas de Texeda, Pedro Rodrigues e Simon Pereyngs, estes três sendo também *doradores* e *estofadores*. Todos são espanhóis com a exceção de Pereyngs e Suster, os dois de origem flamenga (Antuérpia). Como vemos, os melhores artistas europeus estabelecidos na Nova Espanha estavam reunidos nas obras da catedral. Sob a direção destes artistas trabalham dezenas de pintores indígenas, designados como *oficiales* e dirigidos por *capitanes* que são também índios como Martín García. Formam equipes de 20 a 25 pessoas que são recrutadas, arroladas nos dois bairros indígenas de México e Tlatelolco, ou seja nas partes da cidade colonial que conservavam uma administração indígena. Este primeiro contingente trabalha diretamente no contato dos artistas espanhóis, aparentemente sem a intervenção de um intérprete – voltaremos logo à função do intérprete oficial da obra. Estes pintores indígenas estão familiarizados com as técnicas e os estilos europeus, compreendem as indicações dos pintores e dos escultores que não podiam contentar-se em mostrar esboços ou desenhos das obras para serem realizadas ou de explicá-las apenas com sinais. O *capitán* podia servir de intermediário entre os seus *oficiales* e os artistas. Este modo de funcionar aproxima-se muito ao que sabemos das oficinas sevilhanas da segunda metade do século XVI. Dado que os

pintores europeus estabelecidos na Nova Espanha tinham as suas oficinas na cidade e que ali empregavam aprendizes e *oficiales* índios, é de imaginar que uma parte deste primeiro contingente compunha-se de artesãos e artistas indígenas ligados a um mestre europeu e acostumados a trabalhar com ele. Porém, era apenas uma parte, já que as contas insistem sobre as procedências comunitárias destes índios.

A este primeiro grupo pertencem os 21 *oficiales pintores*, que emprega o pintor espanhol Nicolas de Texejeda: "Pintaron la caja del órgano y púlpito de la iglesia y lienzo de la sala del Concilio y otras obras".⁴¹ Estes índios cujos nomes nos são conhecidos moram no bairro (*parcialidad*) de Santiago Tlatelolco. E o mesmo Texeda que os traz frente à frete da autoridades para serem pagos. Os *oficiales* pintores recebem de dois a seis *tomines* por dia. Assim, por exemplo, o índio Mateo Jacobo recebe dez pesos e quatro *tomines*, como pagamento de quatorze dias, ou seja seis *tomines* por dia. Mesmo salário para Felipe, *enladrillador*. Isso é muito menos do que o pintor espanhol que ganha quatro pesos por dia. Para dourar "la tiseria de la nave de en medio de la iglesia",⁴² o pintor e dourador Francisco de Zumaya recebe três pesos por dia.⁴³ Dado que um peso vale 8 *tomines*, os mestres espanhóis são pagos de seis (24 t.) a oito (32 t.) vezes mais do que um *oficial* indígena que de ordinário recebe quatro *tomines* por dia. Outra diferença: os europeus trabalham com um contrato, "conforme al concierto y carta de pago": é o caso de Sebastián López, "aparejador de la obra" ou de Rodrigo Gonzalez, "oficial de cantero".⁴⁴ A situação nas oficinas sevilhanas não era muito distinta.

Outras equipes de pintores indígenas podem efetuar tarefas próprias, sem a supervisão direta dos mestres espanhóis: como a pintura duma parte da sacristia da catedral.⁴⁵ Este segundo contingente sempre comporta artesãos qualificados, mas desta vez a organização e a realização das tarefas ficam entre as mãos dos índios. Tudo se executa em língua indígena. Neste grupo há pedreiros, carpinteiros, *encaladores*. Recebem dois *tomines* por dia.⁴⁶ Os canteiros *teçoconques* só ganham um *tomin* por dia.

Um terceiro contingente era composto por trabalhadores não qualificados. Calcula-se que até quinhentos *peones* intervinham na obra. São os operários que edificam os andaimes e se ocupam da obra grossa.⁴⁷ Eles ganham meio *tomin* por dia. Trabalham durante uma semana de 8 ou 9 dias, ou seja um ou dois dias mais, que correspondem à viagem efetuada entre o lugar de origem ou a cidade. Aqui também o contato com os Espanhóis é limitado. Os *topiles* – pequenos responsáveis na comunidade indígena – que dirigem e vigiam estes trabalhadores servem de intermediários entre os Espanhóis e os índios.⁴⁸ Entretanto, os *topiles* intervinham mais para manter a boa ordem. Não eram capatazes encarregados de organizar tecnicamente o trabalho como os *capitanes*.

Estas diferentes categorias podem incluir dois tipos de operários: jornaleiros voluntários e trabalhadores submetidos às obrigações do *repartimiento*. Quando

os trabalhadores intervêm na obra dentro do quadro do *tequio* (= *repartimiento*), quer como operários qualificados (= *oficiales*⁴⁹) ou como simples *peones*, são recrutados e mandados pelos governadores índios de Tlatelolco e da Cidade do México. Por isso os *alcaldes* de Cidade do México e Santiago recebiam um salário “por hacer venir a la gente de los pueblos”⁵⁰ e outra quantidade de dinheiro para pagar os gastos de alimentação da mão-de-obra. Era a velha prática do trabalho coletivo ou *tequitl*, hispanizada pelas autoridades espanholas. Os índios que trabalham uma semana no quadro das obrigações do *tequio* ou *repartimiento* só ganham a metade do salário normal. Assim um oficial trabalhando no quadro do *tequio* recebe um tomin por dia em vez de dois.

Aos trabalhadores presentes na obra temos que acrescentar outros índios que colaboram na construção: os canteiros das canteiras do Vale do México,⁵¹ os cortadores de madeira nos “montes de Chalco”, os remeiros que transportam a madeira e as pedras nas canoas sobre os lagos que rodeiam a cidade. Lembremos que o transporte aquático era uma atividade fundamental desde a época pré-hispânica. De fato, como antes da Conquista, os índios dos *pueblos* do Vale do México (Xochimilco, Tacuba, Yztapalapa, Azcapotzalco etc.) continuavam prestando serviço nas grandes obras de México-Tenochtitlan.

Caberia acrescentar também uns *criados* mulatos⁵² e um número de escravos africanos e indígenas. Estes últimos eram em geral índios chichimecas prisioneiros de guerra. Segundo as contas, os escravos eram 30.⁵³ Havia negros “Biafra” e “Terra çape”, “Biafra entre ladino y bozal”. Estavam empregados nas canteiras e nas canoas. Em regra geral, eles só recebiam comida, roupa, sapatos e remédios.⁵⁴ Índias livres, como Elena, trabalhavam na cozinha dos escravos e ganhavam 4 tomines por semana, ou seja tanto ou tão pouco como os *peones*.

A escala dos salários é bastante rígida: por exemplo, no caso dos índios das canteiras, um aprendiz sempre recebe um tomin por dia, um oficial entre 3 e 3,5 tomines, e um *oficial cantero capitán* até 4,5 tomines por dia.⁵⁵ Assim um carpinteiro “diestro” ganha 4 tomines por dia. Mas, às vezes, a escala reserva algumas surpresas. Por exemplo, os escravos negros que trabalham na obra ajudando a montar o retábulo recebem o mesmo salário do que os índios pintores, ou seja, quatro tomines por dia. Assim a hierarquia dos salários não corresponde sempre à hierarquia dos estatutos, talvez porque o escravo africano qualificado seja uma ferramenta custosa que tem que render em consequência.

Então, na obra da catedral coexistem distintos grupos étnicos (índios, negros, mulatos, europeus), distintas espécies de mão-de-obra (servil, forçada, voluntária ou comunitária) e distintas formas de organização do trabalho, quer de origem pré-hispânica (= o *tequio*) ou de origem européia (= a mão-de-obra assalariada ou a escravidão africana). Coexistem diferentes técnicas e materiais: ao lado do “mecate de Castilla”, os operários utilizam o “mecate de maguey” para atar as pedras e os andaimes, sem olvidar o “lienzo de China para enlienazar” e o uso do “hilo portugués”.⁵⁶ Cabe também distinguir especializações que podem

provir da época pré-hispânica e das suas divisões geográficas: assim os índios da *parcialidad* de Santiago Tlatelolco eram escultores e douradores, enquanto os da *parcialidad* de San Juan Tenochtitlan eram pintores.⁵⁷

Gostaríamos de saber como estas diferentes formas de trabalho articulavam-se entre elas. Parece que uma personagem jogava um papel importante neste campo, o intérprete “de la obra”, o espanhol Diego de León. Ele aparece na contabilidade. Recebe um salário anual para intervir entre os índios e os espanhóis no momento do pagamento das obras realizadas.⁵⁸ Nós podemos perguntar se ele servia também como tradutor durante a realização das obras. Teria possuído o dom de ubiqüidade e conhecimentos técnicos muito sólidos para explicar aos índios o que os mestres europeus esperavam dele? Talvez só interviesse nas atividades financeiras como o pagamento dos salários, a percepção das sumas destinadas à obra e devidas pelas comunidades indígenas e os *encomenderos*.⁵⁹ Mas o responsável supremo da obra era Rodrigo Dávila, o *obrero mayor*.⁶⁰

Assim, estas distintas formas de trabalho, estas mesclas de mão-de-obra levam à construção dum edifício tipicamente ocidental, uma catedral cujos modelos foram a catedral de Sevilha (1554) e logo a de Salamanca (1558).⁶¹ Mesmo se os arquitetos a adaptaram às condições do lugar — lembrem o problema dos terremotos e da instabilidade do sol pantanoso —, o santuário é construído conforme aos critérios estilísticos do Renascimento europeu, ao gosto das elites da Nova Espanha. As obras realizadas pelos pintores e pelos escultores no interior da catedral teriam podido adornar da mesma maneira qualquer igreja espanhola de alguma importância. Quer os pigmentos empregados fossem de origem tradicional,⁶² quer viessem da oficina dum *boticario* castelhano como Rodrigo Nieto,⁶³ quer os pincéis fossem de Flandres ou não, o resultado respeitava as convenções do maneirismo internacional. Não havia outra alternativa. O poeta Arias de Villalobos podia cantar la magnífica catedral que podia competir com os templos da Espanha:

*Primado es éste acá, y aun tan primero,
Que no conoce igual, sino al que en metro
Cantó Ariosto: E quel sólo uno a Pietro.*⁶⁴

Neste caso, dominação européia e mestiçagem aparecem perfeitamente compatíveis. Se admitimos que o maneirismo internacional foi a forma imposta pela monarquia católica⁶⁵ e uma das primeiras manifestações da globalização,⁶⁶ temos que reconhecer que esta planetarização do estilo renascentista pode acomodar-se com a mescla dos meios utilizados para realizar a catedral mexicana.

MESTIÇAGEM, OCIDENTALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Esta situação não é o único exemplo que nos oferece o século XVI. Temos estudado numerosos outros casos totalmente distintos nos quais a mestiçagem dos artistas projetava-se na mestiçagem das obras. Pensemos nos afrescos pintados nos conventos: desta vez a obra escapava aos quadros da globalização no sentido que damos a esta palavra. A obra mestiça constitui uma reação local original à "maneira" internacional ao introduzir nela elementos autóctones de maneira livre e criadora. Caberia também lembrar a arte dos plumaceiros que aplicavam à tradição ameríndia dos mosaicos de plumas motivos tirados da iconografia cristã. Neste caso as mestiçagens do gesto, do *savoir faire*, das técnicas e dos motivos escolhidos desenvolvem-se conjuntamente.⁶⁷

Estas situações tão distintas incitam a distinguir occidentalização e globalização. No caso dos objetos de plumas e dos afrescos indígenas dos conventos, observamos uma interação contínua entre a tradição local e a tradição europeia. Criava produções mestiças e operava no quadro da occidentalização. Ao contrário, no caso da catedral da cidade do México, a imposição dos modelos renascentistas elimina a maior parte das dimensões mestiças do trabalho e faz predominar a uniformização europeia em detrimento das reinterpretações, das adaptações ou reelaborações inventadas localmente. Em outros termos, os resultados da occidentalização⁶⁸ não podem ser confundidos com os efeitos da globalização. Neste último caso, aparecem mecanismos que bloqueiam, inibem os efeitos da mestiçagem, limitando-os a âmbitos reduzidos ou neutralizando-os por completo.

Falta espaço para investigar as razões destes bloqueios. É óbvio que os artesãos índios e mestiços que trabalham para o consumo "popular" oferecem produtos "americanizados". A mestiçagem manifesta-se em todas as etapas da produção. Aconteceu o mesmo com os pintores que conservaram nos conventos de província uma ampla margem de invenção, provavelmente porque as suas obras se dirigiam a espectadores indígenas. Ao invés disso, quando nas grandes cidades as exigências dos consumidores e dos utilizadores (de catedrais) conformam-se com os modelos europeus mais sofisticados, os efeitos da mestiçagem tornam-se muito menos perceptíveis, quando não são totalmente cancelados. A voga do *churrigueresco* e logo da arte neoclássica na Nova Espanha no século XVIII obedece a semelhante lógica como, talvez, a difusão da arte rococó no Brasil cada vez que um artista português pretendia reconectar la produção com o modelo europeu. De fato, no campo dos consumos de luxo, a produção local só pode ser reconhecida e estimulada quando enriquece o catálogo das *exotica* ou adorna os gabinetes de curiosidades italianos, germânicos ou franceses: ídolos de pedra preciosa, objetos de plumas antes mencionados ou códex realizados por mãos coloniais como o *Codex florentino* que entrou nas

coleções dos Medici. No caso da catedral do México, desde o modelo e a concepção até a realização e ao controle do produto acabado, os responsáveis europeus e as autoridades de Madri⁶⁹ tiveram os meios para neutralizar qualquer intervenção local que se afastasse do projeto inicial. A supervisão do poder local era tripla: a do vice-rei, da Igreja mexicana e dos *gremios* através dos seus *veedores*.⁷⁰ Toda inovação – como por exemplo o uso da pedra vulcânica *tezontle* – tinha que passar por um lento processo de aprovação e valorização que ficava totalmente nas mãos dos peritos europeus. A substituição do teto de madeira no estilo mudejar pelas abóbadas e cúpulas de pedra obedeceu as modificações das modas e dos estilos acontecidos na Europa dos primeiros anos do século XVII. Apesar de serem realizadas por operários que eram índios, negros ou mestiços, foram perfeitas manifestações da globalização da arte maneirista e pré-barroca. Assim, ocidentalização, globalização e exotização são processos que não podemos dissociar das formas sucessivas que tomou o trabalho colonial na América ibérica e que devemos levar em conta se quisermos confrontar e entender melhor os múltiplos efeitos da dominação europeia na América.⁷¹

NOTAS:

1. Altepetl: o equivalente de "ciudad" em náhuatl.
2. FLORESCANO, Enrique et al., *La clase obrera en la historia de México. I, De la colonia al imperio*, Mexico, Siglo XXI, 1980, p. 80.
3. Por exemplo, no trabalho do ouro e da prata,: "para fundir una pieza o una joya de vacío hacen ventaja a los plateros de España", in *Motolinia*, Toribio de Benavente, *Memoriales*, Mexico, Universidad Nacional Autónoma de México (Unam), 1971, p. 241.
4. Ibid., 240.
5. JUAN DE TORQUEMADA, *Monarquía indiana*, Mexico, Unam, t.V, 1977, p. 316.
6. MOTOLINÍA (1971), p. 241.
7. Ibid., p. 241.
8. Ibid., p. 243.
9. Ibid., p. 240.
10. Ibid., p. 242.
11. Ibid., p. 243.
12. Ibid., p. 243.
13. Ibid., p. 243.
14. E dos "tornos" (FLORESCANO, 1980, p. 89). Cabe acrescentar "los procedimientos para pintar los hilos y telas con tinturas de origen europeo (añil, hierba, pastel)" (Ibid., p. 89).
15. Ibid., p. 92-93.
16. MOTOLINÍA, 1971, p. 242.
17. FLORESCANO, 1980, p. 88.
18. TORQUEMADA, 1977, t.V, p. 318.
19. A aculturação lingüística deixou vestígios em numerosos textos escritos em náhuatl que os historiadores estudam de maneira cada vez mais detalhada. Porém, convém lembrar que estas fontes escritas refletem mais a linguagem das elites indígenas do que a fala das ruas e das oficinas. A presença de um termo indígena num documento não traduz sistematicamente o seu uso quotidiano.
20. LOCKHART, James, *The Nahuas after the Conquest. A Social and Cultural History of the Indians of Central Mexico, Sixteenth to Eighteenth Centuries*, Stanford, Stanford University Press, 1992, p. 266.
21. MOTOLINÍA (1971), p.241. Os índios aprendem muito cedo a fabricar sinos.
22. Ibid., p. 273.
23. "Aviso nono", in: Prólogo a *Vocabulario en lengua mexicana y castellana*, Mexico, Antonios de Spínosa, 1571.
24. E o caso de *quauhtemacatl*, "chariot", substituído muito cedo por *carreta* (LOCKHART, 1992, p. 267-9).
25. Ibid., p. 278.
26. Ibid., p. 199.
27. Ibid., p. 291-2.
28. Ibid., p. 292.
29. Ibid., p. 198.
30. Não esqueçamos que dependemos totalmente dos documentos escritos.
31. Sem mas precisão, Lockhart (1992) fala dos Nahuas "who if not exactly bilingual, had a certain exposure to and grasp Spanish" (p. 302).
32. Ibid., p. 88.
33. Ibid., p. 196.
34. São 45 na Cidade do México no fim do século XVI (FLORESCANO, 1980, p. 90) e

- nesta época os mais importantes ocupavam até 120 trabalhadores (SALVUCCI, Richard J. *Textiles and Capitalism in Mexico. An economic history of the obrajes, 1539-1840*, Princeton, Princeton University Press, 1987, p. 101).
35. ZAVALA, Silvio, *Ordenanzas del trabajo, siglos XVI y XVII*, Mexico, Centro de Estudios Históricos del Movimiento Obrero Mexicano, Tomo I, 1980, p. 221.
 36. Veja-se em particular o papel do "peonaje por deuda" (FLORESCANO, 1980, p. 91).
 37. ZAVALA, 1980, p. 185.
 38. Puebla a partir de 1536/1539, Oaxaca a partir de 1535/1544 etc. (TOUSSAINT, Manuel, *Colonial Art in Mexico*, Austin, Texas University Press, 1967, p. 109-15).
 39. Ibid., p. 110.
 40. Utilizamos o estudo de Silvio Zavala, *Una etapa en la construcción de la catedral de México alrededor de 1585*, México, El Colegio de México, 1982, que observa que "la minucia de esta cuenta permite acercarse a ver quiénes intervenían en el trabajo, los días que laboraban, lo que ganaba cada persona" (p. 21).
 41. Ibid., p. 22.
 42. Ibid., p. 23.
 43. O *ensamblador* Adrián Suster recebe 2,5 pesos por dia (Ibid., p. 19).
 44. Ibid., p. 15, 16; menciona-se Andrea de Antón, veneciano, que fabrica fogos de artifício.
 45. Ibid., p. 26. Exemplo de um "taller indígena", o do escultor índio Joaquín que trabalha com "oficiales" (1571) para uma clientela espanhola, in: TOVAR, Guillermo, *Pintura y escultura en Nueva España (1557-1640)*, México, Azabache, p. 245).
 46. ZAVALA (1982), p. 30.
 47. Ibid., p. 30.
 48. Ibid., p. 17-8, p. 31: "Juan Garcia y Baltasar Francisco, topiles".
 49. Por exemplo, carpinteiros, canteiros.
 50. Ibid., p. 31. A operação chamava-se a *saca*.
 51. Ibid., p. 32.
 52. Ibid., p. 57.
 53. Ibid., p. 151-4. Repare-se a diferença: se vende o serviço do índio escravo enquanto se vende a pessoa do negro.
 54. Ibid., p. 149.
 55. Ibid., p. 142-6.
 56. Ibid., p. 174-6. Podemos citar materiais de origem indígena que conservam os seus nomes nahuas como "madera de *ayacahuite* (p. 4); *tequezquique* (p. 170), *tezontli* (p. 176), *petate* (p. 172), *copal* (p. 173) etc. Como material de origem europeia figuram objetos de ferro, miles de cravos: "clavo gemal", "clavo de los chinchos", "clavo de alfagia", "escuadras", "pestilleras e "quicialeras de hierro" (p. 170).
 57. TOVAR, 1992, p. 241-5.
 58. ZAVALA, 1982, p. 18.
 59. Ibid., p. 14.
 60. Ibid., p. 176.
 61. SARTOR, Mario, *Arquitectura e urbanismo en Nueva España, siglo XVI*, Mexico, Azabache, 1992, p. 136. TOUSSAINT, 1967, p. 109-10.
 62. Os pintores indígenas fornecem as suas cores quando não trabalham sob o controle dos mestres espanhóis: "Pusieron el color amarillo que es jalde [...] sobre las vigas et tablas de las naves colaterales", e "del recaudo de colores y lo demas que para ello pusieron" ZAVALA, 1982, p. 26.
 63. Os óleos também. Ibid., p. 22. Veja o uso dos *pinceles de Flandes* que valiam três *tomines* por dúzia.

64. Arias de Villalobos, "Canto intitulado Mercurio", in: GARCÍA, Genaro, *Documentos para la historia de México*, Mexico en 1623, vol. XII, Mexico, 1907, p. 370.
65. GRUZINSKI, Serge, "Les mondes mêlés de la Monarchie catholique et autres connected histories", *Annales, Histoire, Sciences Sociales*, n° 1, janvier-février 2001, p. 85-117.
66. No sentido da dilatação universal de um estilo que estendeu-se nas "quatro partes del mundo" sem interagir com outras formas de arte
67. GRUZINSKI, Serge, *L'aigle et la Sibylle. Fresques indiennes des couvents du Mexique*, Paris, L'Imprimerie Nationale, 1994.
68. Sobre o processo de ocidentalização, veja-se GRUZINSKI, Serge, *La pensée métisse*, Paris, Fayard, 1999 (trad. portuguesa: *O pensamento mestiço*, São Paulo, Cia. das Letras, 2001).
69. ZAVALA (1982), p. 7.
70. O papel dos "gremios" introduzidos pelos artistas europeus foi determinante: as ordenanças "del gremio de pintores y doradores" foram promulgadas em 1557. Ao controle do vice-rei e do "gremio" acrescentou-se o controle da Igreja que já estabeleceu em 1555 que "ningún español ni indio pinte imágenes ni retablos en ninguna iglesia de nuestro arzobispado y provincia [...] sin que el tal pintor sea examinado" (TOVAR, 1992, p. 30).
71. Sobre estas noções e o seu papel na Monarquia católica, veja-se o nosso ensayo, *Les quatre parties du monde*, de próxima publicação (Paris, Fayard).